

PREFÁCIO A DUAS VOZES

Este não é um livro como qualquer outro. O tema anunciado no título, o Tempo, aguça de imediato o interesse do filósofo. Os assuntos dos capítulos, a História, o Tempo (mais uma vez), a Morte, a Amizade e o Futuro, deixam-no à vontade. O procedimento anunciado, o diálogo, lhe é familiar, predispõe para um envolvimento que não deverá causar surpresas.

De fato, o tempo é matéria-prima essencial da filosofia. Desde a Antiguidade, fala-se com alguma solenidade do tempo cósmico circular (ele ressurgirá estrondosamente em Nietzsche) e da relação íntima da alma com o tempo (que alimentará a meditação cristã da relação de alma com Deus). O cristianismo filosofante marcará séculos com a doutrina do tempo histórico, abraçando a criação do mundo e do homem, a queda, a governança do mundo (a teodiceia) e o juízo final. É verdade que Kant vai virar tudo isso de ponta-cabeça, mas com muito jeito e de forma bem comportada. Ele provará que o tempo não foi criado com a criação do mundo, que é uma ordem imposta às coisas, ao mundo e ao gênero humano pela mente do homem. Ao matar o Deus cristão, Kant descompôs, pelo mesmo golpe, a obra divina. O homem não está mais diante do mundo criado por Deus, nem recebe sua destinação da história; ele próprio é agora o criador ("legislador") do mundo e da história. Depois de Kant, a Morte, tema pelo qual começa, em Platão, a reflexão filosófica clássica, vai virar, em Heidegger, um existencial, elemento da estrutura do existir humano neste mundo. O Futuro continuará dando o que falar, desde as teorias de perfectibilidade do século XVIII até as utopias tecnológicas atuais. A Amizade dos antigos ressurgiu no pós-kantiano Foucault.

Filósofo ou não, o leitor percebe, logo, que não está solicitado por esse tipo de conceitualização, nem entretido por histórias sobre os temas propostos. Encontra de fato menos do que isso. A apresentação não segue um esquema linear, nem qualquer esquema reconhecível. As datas estão identificadas, referências bibliográficas em ordem, mas a época do conteúdo parece pertencer ao mesmo tempo a épocas diferentes. O leitor se vê mergulhado em um estoque de assuntos de diferentes idades, fontes, gêneros de escrita. O esperado diálogo não acontece, não se chega a estruturas lógicas, temporais, nem temáticas. O diálogo vira conversa, troca epistolar, oportunidade para recordações, evocações, sugestões. Acaba até mesmo sem participantes determinados, pois a palavra é dada generosamente a autores dos mais diferentes recantos. Esse não é um texto a duas vozes, é um texto polifônico, a cada momento uma voz nova e inesperada pode se fazer ouvir. O próprio leitor se vê convidado a dizer as suas — a entrar na conversa sem precisar se preocupar nem mesmo em saber ao certo o que vai acabar dizendo. Ele se encontra num livro sobre o Tempo e a História, mas sem submissão ao tempo e à história; em meio a um material que pode, caso se queira, ser usado à vontade ou ao acaso para construir figuras no tempo, fazer estórias, colocá-las na boa ordem, classificá-las e terminar por contá-las, se alguém um dia quiser se dar esse trabalho. Este é o convite.

Željko Loparić

Professor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da PUCPR